



Educação & Realidade

ISSN: 0100-3143

ISSN: 2175-6236

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Faculdade de Educação

Wortmann, Maria Lúcia Castagna; Santos, Luís Henrique Sacchi dos; Ripoll, Daniela
Apontamentos sobre os Estudos Culturais no Brasil
Educação & Realidade, vol. 44, núm. 4, e89212, 2019
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Faculdade de Educação

DOI: 10.1590/2175-623689212

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=317265190001>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

UFRJ redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

Apontamentos sobre os Estudos Culturais no Brasil

**Maria Lúcia Castagna Wortmann^I
Luís Henrique Sacchi dos Santos^I
Daniela Ripoll^{II}**

^IUniversidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre/RS – Brasil

^{II}Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Canoas/RS – Brasil

RESUMO – Apontamentos sobre os Estudos Culturais no Brasil. A partir de uma revisão sobre as articulações entre os Estudos Culturais e as teorias das áreas da Comunicação Social, Antropologia, Ciências Sociais, Teoria Literária e Educação no Brasil, coloca-se em destaque a produtividade acadêmica de conceitos, perspectivas e modos de pesquisa. O estudo envolveu: (a) ampla varredura nos principais periódicos internacionais de Estudos Culturais; (b) pesquisa no Google Acadêmico e em outras plataformas específicas; (c) investigação de filiações institucionais, grupos de pesquisa, currículos Lattes e, eventualmente, entrevistas disponibilizadas online. Finaliza-se este texto apresentando apontamentos político-acadêmicos relativos aos estudos realizados no Brasil em sua articulação com os Estudos Culturais latino-americanos.

Palavras-chave: Estudos Culturais. Educação. Articulações Interdisciplinares.

ABSTRACT – Considerations on Cultural Studies in Brazil. From a review of articulations between Cultural Studies and theories of social communication, anthropology, social sciences, literary theory and education in Brazil, the academic production of concepts, perspectives and approaches in research is highlighted. The study involved: (a) a comprehensive search on the major international journals of Cultural Studies; (b) a search on Google Scholar and other specific platforms; (c) an analysis of institutional affiliations, research groups, résumés on Lattes platform, and interviews available online. At the end, this study presents political-academic considerations about studies conducted in Brazil in articulations with Latin American Cultural Studies.

Keywords: Cultural Studies. Education. Interdisciplinary Articulation.

Introdução

Uma revisão de artigos publicados na revista *Cultural Studies* nesses primeiros anos do século XXI revela a expansão que teve esse campo de estudos, cuja emergência é usualmente associada ao Centro de Birmingham, Reino Unido, nos anos 1960, bem como as tendências que têm (re)configurado tais estudos no encontro com outras tradições ao longo do tempo.

Assim, esta revista, que passou a ser editada no ano de 1987 – e cujo Editor-chefe é o renomado professor Lawrence Grossberg, codiretor do programa de *Cultural Studies* do departamento de *Communication Studies* da Universidade da Carolina do Norte, EUA –, e que desde 2002 coloca em circulação seis números por ano, tem publicado dossiês que focalizam investigações conduzidas em Estudos Culturais em diferentes países. Entre esses, figuram, por exemplo, dossiês sobre Estudos Culturais Chineses (v. 31, n. 6, 2017), Estudos Culturais Australianos (v. 29, n. 4, 2015), Estudos Culturais Latino-americanos (v. 25, n. 1, 2011 e v. 25, n. 3, 2011), Estudos Culturais Irlandeses (v. 24, n. 6, 2010 e v. 15, n. 1, 2001), Estudos Culturais Eslovenos (v. 24, n. 5, 2010) e Estudos Culturais Austríacos (v. 16, n. 2, 2002). No que se refere às temáticas, a revista foca em questões controversas e atuais, algumas mais particulares a determinados contextos nacionais, tais como o ressurgimento do racismo na América Latina em práticas indigenistas no México e Equador, políticas decolonialistas e disputas raciais na Colômbia e Peru (v. 32, v. 3, 2018), outras mais amplas que destacam, por exemplo, usos e efeitos das mídias digitais (v. 32, n. 4, 2018), subjetividades, afetos, memórias em diferentes situações e localidades (v. 32, n. 1, 2018), o capitalismo e o pós-trabalho em diferentes situações e locais do mundo (v. 31, v. 5, 2017), o populismo nos discursos políticos (v. 31, n. 4), subalternidades (v. 30, v. 5, 2016), questões financeiras que adentram o cotidiano nos encontros entre o monetário e o mundano em diferentes práticas, arranjos, moralidades, afetos, rotinas e contextos (v. 29, n. 5/6, 2015), cenas culturais como complexos multidimensionais de significação (v. 29, n. 3, 2015), tecnologias de vigilância nas sociedades contemporâneas (v. 29, n. 2, 2015), neoliberalismo, imigrações, direitos humanos (v. 28, n. 5/6, 2014), feminismos e neoliberalismo (v. 28, n. 3, 2014), relações entre colonialismo e modernidade (v. 26, n. 5, 2012), cultura da convergência (v. 25, n. 5/4, 2011), transnacionalismos e hibridações de formas culturais globais em questões ambientais (v. 22, n. 3/4, 2008), entre inúmeras outras temáticas que indicam a amplitude dos interesses dos investigadores que atuam no campo dos Estudos Culturais, bem como os processos de internacionalização ocorridos nesses estudos.

Articulações procedidas entre Estudos Culturais e campos de saber, tais como a Comunicação (v. 29, n. 1, 2015), o Direito (v. 28, n. 5/6, 2014) e a Educação (v. 25, n. 1, 2011), também são tratadas em artigos desta revista, além de alguns números dedicarem-se a registrar a importância das produções de autores, tais como Graeme Turner (v. 29, n. 4, 2015), Stuart Hall (v. 29, n. 1, 2015) e Richard Hoggart (v. 29, n. 2,

2015), para o campo dos Estudos Culturais, em edições que registram seus falecimentos.

Frente à multiplicidade de questões e temáticas abordadas pela revista, bem como de artigos escritos por pesquisadores australianos, canadenses, chineses, sul-coreanos, norte-americanos, africanos, finlandeses, indianos, japoneses, eslovenos, ingleses, colombianos, argentinos, entre outros, foi surpreendente constatar que estudos conduzidos no Brasil, ou por estudiosos brasileiros no campo dos Estudos Culturais, não figuram em nenhuma das edições desta revista, ao longo dos trinta e um anos em que é publicada. Surpreendente foi, também, constatar que na edição que destacou centralmente o tema da institucionalização dos Estudos Culturais latino-americanos (v. 25, n. 1, 2011) constam somente artigos e entrevistas com investigadores de Estudos Culturais peruanos, argentinos, colombianos, chilenos e norte-americanos. Aliás, a única referência feita ao Brasil corresponde a um pedido de desculpas feito pelos organizadores do dossiê – os professores da Universidade Javeriana de Bogotá, Gregory J. Lobo e Jeffrey Cedeño, e da Universidad de los Andes, Chloe Rutter-Jensen –, por não terem incluído qualquer comentário sobre a institucionalização dos Estudos Culturais no Brasil.

Nosso estranhamento robusteceu-se quando, igualmente, constatamos a ausência de produções de autores brasileiros no *International Journal of Cultural Studies* (uma publicação da Universidade de Wisconsin Madison, EUA, editada pela Sage, e cujo editor chefe é Jonathan Gray, professor de *Media e Cultural Studies* na referida universidade, no *European Journal of Cultural Studies* e na revista *Open Cultural Studies*. O *European Journal of Cultural Studies* é um periódico publicado desde 1998, pela Sage, cujos editores são Pertti Alasuutari (Universidade de Tampere, Finlândia), Jon Cruz (Universidade da Califórnia, EUA), Ann Gray (Lincoln School of Film & Media, Reino Unido), e Joke Hermes (Universidade de Amsterdam, Holanda). Já a revista *Open Cultural Studies*, cujo editor chefe é o professor Toby Miller¹, começou a circular no ano de 2017. A revista se caracteriza por ter uma periodicidade anual, com um número elevado de artigos, todos disponibilizados online.

Enfim, se considerarmos apenas essas publicações direcionadas à divulgação de investigações conduzidas no campo dos Estudos Culturais, não serão encontrados vestígios da realização desses estudos no Brasil, pois há nelas um silenciamento, ou desconhecimento do interesse e impacto que este campo alcançou nos estudos universitários no país.

Menos que indicar *motivos* para tal silenciamento, pois esse pode decorrer, inclusive, da inexistência de iniciativas dos pesquisadores brasileiros em submeter artigos de seus estudos à publicação nestas revistas, ou da opção de publicá-los em periódicos mais próximos às áreas em que realizaram suas formações primeiras, ou naquelas endereçadas a campos com os quais os Estudos Culturais fazem conexões importantes, como os Estudos de Gênero, os Estudos Pós-Coloniais, Estudos Étnicos e Raciais etc., nosso propósito, neste artigo, é apontar para a produtividade acadêmica dos Estudos Culturais no Brasil.

Não temos a pretensão de cobrir todas as iniciativas, ações e situações implicadas com a produção de Estudos Culturais no Brasil. Nossa incursão ateu-se mais a algumas áreas e, a partir dessas, à apresentação de alguns estudos que circulam em meios mais facilmente acessáveis, que incluem a divulgação na internet.

Foram três os procedimentos metodológicos principais que orientaram esta revisão em torno dos Estudos Culturais: (a) o primeiro procedimento envolveu uma ampla varredura nos principais periódicos internacionais centrados no campo dos Estudos Culturais – *Cultural Studies*, *International Journal of Cultural Studies*, *European Journal of Cultural Studies* e *Open Cultural Studies*; (b) o segundo procedimento metodológico envolveu a pesquisa no Google Acadêmico e em outras plataformas específicas de pesquisa acadêmica, procurando *rastros* da presença dos Estudos Culturais em múltiplas áreas de pesquisa no Brasil; (c) um terceiro procedimento metodológico envolveu investigar as filiações institucionais, os grupos de pesquisa, os currículos mantidos na plataforma Lattes do CNPq e, eventualmente, entrevistas disponibilizadas online, sites de universidades, sites pessoais e outras informações que pudessem situar o pesquisador dentro de um contexto acadêmico mais amplo. Por fim, passamos a agrupar os pesquisadores em torno das diferentes áreas do conhecimento e, também, por conceitos e/ou temáticas em comum.

Mesmo cientes das incompletudes da revisão que apresentamos neste artigo, parece-nos importante divulgá-la por constituir uma tentativa de reunir um conjunto de produções que se encontram difusas no cenário nacional.

O Impacto dos Estudos Culturais em diversas Áreas do Conhecimento no Brasil

Na área da Comunicação, no sul do Brasil, os Estudos Culturais tiveram grande impulso com a publicação do artigo *Uma introdução aos Estudos Culturais*, de Ana Carolina Escosteguy (1998). Neste artigo, a autora – à época professora da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Famecos PUCRS), então em fase de doutoramento junto à Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA USP) e tendo realizado estudos no departamento de Estudos Culturais e Sociologia da Universidade de Birmingham² – apresentou algumas das ideias de autores que pensaram sobre a área da Comunicação Social, e sobre questões *caras* ao jornalismo, à publicidade e à propaganda, a partir da perspectiva dos Estudos Culturais britânicos e estadunidenses entre os anos 1970, 1980 e 1990: o conceito de audiência; a recepção de conteúdos diversos por um determinado público; a codificação/decodificação da mídia; outras formulações no que diz respeito ao conceito de *cultura*, *cultura popular*, *cultura hegemônica*, etc.; a noção de *conteúdo*, de *texto* e de *mensagem*; dentre outras. Nesse sentido, Escosteguy sistematizou as ideias de Stuart Hall³, David Morley⁴, James Curran⁵, George Yudice⁶, Paul Willis⁷,

Martin Barker⁸, Chen Kuan-Hsing⁹, Graeme Turner¹⁰ etc., com o objetivo de introduzir ao campo “[...] aqueles que se iniciam no estudo das teorias da comunicação” (Escosteguy, 1998, p. 87).

Três anos mais tarde, em *Cartografias dos Estudos Culturais: uma versão latino-americana*, Escosteguy (2001) apresentou contextos, singularidades e expoentes dos Estudos Culturais na América Latina – dentre eles, Carlos Monsiváis¹¹, Guillermo Orozco Gómez¹², Rossana Reguillo¹³, Guillermo Sunkel, José Joaquín Brunner, Beatriz Sarlo¹⁴, o brasileiro Renato Ortiz (cujos trabalhos serão abordados oportunamente) e, em especial, Néstor García Canclini¹⁵ e Jesús Martín-Barbero¹⁶, tratados como “[...] figuras-chave na constituição da perspectiva dos estudos culturais em solo latino-americano” (Escosteguy, 2001, p. 41). Já em artigo publicado no ano de 2004, Escosteguy teceu considerações mais específicas acerca dos Estudos Culturais no Brasil, registrando que, até aquele momento, eram “[...] muito poucas as contribuições em circulação sobre a recepção brasileira dos estudos culturais e mais raras ainda, quando se identifica essa tradição com uma determinada abordagem anglo-saxônica de análise cultural” (Escosteguy, 2004, p. 19). Ainda nesse artigo é interessante destacar que há referência a esforços do então professor do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, Fernando Correia Dias, que, em texto publicado no ano de 1994¹⁷, buscara registrar as temáticas culturais da realidade brasileira no pensamento sociológico do país. Escosteguy referiu, também, análises conduzidas pela professora de Literatura Inglesa da USP, Maria Elisa Cevasco, no ano de 2003¹⁸, e pelo então professor da ECA da USP, Luiz Roberto Alves, que reivindicam a existência de uma reflexão brasileira de caráter semelhante à narrativa britânica dos Estudos Culturais, porém anterior àquela¹⁹ presente, por exemplo, no pensamento de Antônio Cândido (Escosteguy, 2004, p. 19).

Passados cerca de 15 anos dessas considerações, é possível dizer que vários estudos registram como, no âmbito brasileiro, os Estudos Culturais têm sido conectados produtivamente a diferentes áreas de estudo. Passamos, a seguir, a apresentar alguns desses estudos, não sem antes lembrar que, no ano de 1986, foi criada a Coordenação Interdisciplinar de Estudos Culturais (Ciec)²⁰, sob liderança da professora Heloísa Buarque de Hollanda²¹, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Dessa iniciativa decorreram outras, tais como a criação do Laboratório de Pesquisa de Pós-graduação da Escola de Comunicação, nessa mesma Universidade, no ano de 1994, ao qual se vincularam pesquisadores importantes no campo da cultura. Atualmente intitulado Coordenação Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos (Ciec), este núcleo de pesquisa vincula-se ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da UFRJ. Ligada a esse núcleo, que se estrutura em três linhas de pesquisa Cultura e Identidade; Estudos da Cidade e da Comunicação; e Imagem, Estética e Poderes²², está a professora Liv Sovik (2003; 2009), que, entre as inúmeras contribuições trazidas ao campo dos Estudos Culturais no Brasil, traduziu e organizou a publicação de um importante número de estudos

de Stuart Hall, integrantes do livro *Da diáspora: identidades e mediações culturais: Stuart Hall*, publicado em 2003, e de *Aqui ninguém é branco*, 2009.

Também vinculado a este Programa de Pós-Graduação está o professor João Freire Filho (2007)²³, professor da Escola de Comunicação da UFRJ, que no livro *Reinvenções da resistência juvenil: os Estudos Culturais e as micropolíticas do cotidiano* se dedica ao estudo dos fãs nas culturas juvenis. O pesquisador constrói o fã como um sujeito ativo, “[...] consumidor astuto, capaz de processar criativamente os sentidos de produtos de circulação massiva, elaborando, a partir deles, um conjunto variado de práticas, identidades e novos artefatos” (Freire Filho, 2007, p. 82) – distante, portanto, das teorizações usualmente oriundas da Psiquiatria e da Psicologia, hegemônicas quando se tratam de analisar essa fase da vida. Como produtor de conteúdos, práticas e modos de vida, o fã, de modo participativo e colaborativo, movimentaria sobremaneira a cultura contemporânea. Outras produções de João Freire Filho mostram a estética como produção cultural (Freire Filho, 2009), a passionalidade dos fãs nas redes sociais e os discursos de ódio (Freire Filho, 2013), a retórica da felicidade como valor na contemporaneidade (Freire Filho, 2010; 2017) etc.

No âmbito dos estudos de comunicação realizados no sul do País, salientamos os trabalhos de Nilda Jacks, professora da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), acerca dos estudos de recepção no Brasil – ver, por exemplo, o artigo intitulado *O legado de Stuart Hall para os estudos de recepção no Brasil* (Jacks; Wottrich, 2016), o livro *Mediação & Midiatização* (Mattos; Janotti Junior; Jacks, 2012), o livro *Comunicação e Recepção* (Jacks; Escosteguy, 2005) e *Meios e audiências III: reconfigurações dos estudos de recepção e consumo midiático no Brasil* (Jacks; Piedras; Pieniz; John, 2017). De acordo com Jacks e Wottrich (2016), o pensamento de Stuart Hall chega ao campo da Comunicação no Brasil por meio do texto *Encoding, decoding*²⁴ – ou seja, vinculado aos Estudos de Recepção, às pesquisas de audiência, ao tema das identidades na Pós-Modernidade e das mediações culturais, em um contexto de “[...] crescimento dos programas de pós-graduação em Comunicação [e de] maior circulação de docentes e discentes em congressos internacionais” (Jacks; Wottrich, 2016, p. 162).

É importante ressaltar a centralidade dos deslocamentos teóricos produzidos pelo pensamento de Stuart Hall na área da Comunicação: (a) em um primeiro momento, o autor se posiciona contrariamente à noção de *conteúdo* como “[...] um sentido ou uma mensagem pré-formada e fixa, que pode ser analisada em termos de transmissão do emissor para o receptor” (Hall, 2003, p. 354); (b) Hall também se posiciona de modo contrário à aceção de unilinearidade e de fluxo unidirecional da mensagem – isto é, o (ainda) usual e tradicional entendimento de que “[...] o emissor origina a mensagem, a mensagem é, ela própria, bastante unidimensional, e o receptor a recebe” (Hall, 2003, p. 354) – e, ao problematizar o modelo *emissor/receptor* tradicionalmente assentado

no campo²⁵, Hall se transforma em um autor ubíquo, assumindo “[...] o papel central de suscitador de discussões teóricas” (Jacks; Wottrich, 2016, p. 166).

No mesmo contexto regional, Flavi Ferreira Lisboa Filho, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), desenvolve seus estudos em torno dos conceitos de identidade cultural e de representação a partir de Hall, bem como explora o circuito da cultura como um tipo de metodologia em pesquisa na área da Comunicação. O pesquisador, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM, tem publicado nos últimos anos sobre as representações de mulher e o gauchismo na mídia local (Henriques; Lisboa Filho, 2017a; 2017b), sobre os múltiplos significados envolvendo a fronteira gaúcha (Lisboa Filho; Pozza, 2017), sobre questões relativas a produtos midiáticos distintos (como os *reality shows* brasileiros e o discurso jornalístico), sobre a produção de identidades juvenis gauchescas em múltiplos veículos de comunicação etc. Cabe também indicar que Lisboa Filho, em colaboração com Baptista, buscou reunir, no ano de 2017, em e-book intitulado *Estudos Culturais e interfaces: objetos, metodologias e desenhos de investigação*, investigações conduzidas no Brasil e em Portugal (Lisboa Filho; Baptista, 2016).

Ainda na área de Comunicação Social, autoras como Saraí Schmidt (Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade Feevale) e Tatiana de Oliveira Amêndola Sanches (Grupo de Pesquisa em Subjetividade, Comunicação e Consumo ligado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing e da Fundação Armando Álvares Penteado) têm os Estudos Culturais como inspiração para seus estudos. As produções de Schmidt giram em torno de temas como as juventudes e as infâncias contemporâneas (Mentz; Schmidt, 2018; Fioravante; Schmidt, 2018), a cultura da mídia e do consumo (Pilger; Schmidt, 2017; Constante; Schmidt, 2017; Horlle; Schmidt, 2017; Pilger; Schmidt, 2016) localizando-se, portanto, em uma zona de fronteira entre os campos da Comunicação Social, dos Estudos Culturais e da Educação. Já os estudos empreendidos por Sanches (2011) e seus colaboradores focalizam aspectos muito diversos da cultura contemporânea – o fenômeno *cosplay*, os grafites urbanos, a *gameificação* da cultura, os *reality shows* brasileiros, as séries estadunidenses etc.

Apesar de termos aqui referido um número restrito de estudos, buscamos, através deles, apontar para perspectivas (e essas nem sempre são coincidentes) que ganharam espaço nos encontros procedidos entre Estudos Culturais e o campo da Comunicação. Renato Ortiz²⁶, um dos autores mais lembrados fora do Brasil como representante dos Estudos Culturais aqui praticados, assinala o papel que as escolas de Comunicação tiveram no *acolhimento* a esses estudos, registrando, também, as tensas relações que pautam o encontro dos Estudos Culturais com os saberes disciplinares das Ciências Sociais. Segundo ele,

[...] a penetração dos Estudos Culturais se faz pelas bordas, ou seja, para utilizar uma expressão de Bourdieu, na periferia do campo hierarquizado das ciências sociais, particularmente nas escolas de comunicação (o que certamente demonstra o conservantismo de disciplinas como sociologia, antropologia, literatura). Entretanto, mesmo assim, nenhuma delas se propõe a modificar o seu estatuto institucional (Ortiz, 2004, p. 120-121).

Seus comentários, nesse mesmo artigo, registram processos implicados na consolidação disciplinar do campo das Ciências Sociais, nos Estados Unidos da América e no Brasil, e indicam ter ocorrido uma institucionalização tardia dessas ciências em nosso país (Ortiz, 2004, p. 122). E isso, talvez, explique a resistência dessas Ciências às propostas de multidisciplinaridade/interdisciplinaridade/transdisciplinaridade associadas aos Estudos Culturais. Ortiz relativiza as críticas à especialização, ressaltando que, embora persista a impressão de que ela esteja mais vinculada “[...] aos interesses dos grupos profissionais, que disputam verbas de pesquisa e posições de autoridade no campo intelectual” (Ortiz, 2004, p. 122), uma visão disciplinar pode permitir análises mais detalhadas de determinados eventos. E ele igualmente salienta ser inapropriado pensar-se a multidisciplinaridade como sinônimo de *fim das fronteiras* por terem as fronteiras valor relacional e se estabelecerem em articulação às *verdades* disciplinares. Então, “[...] os horizontes disciplinares surgem não como um entrave a ser abolido, mas como ponto de partida para uma *viagem* entre saberes compartimentados” (Ortiz, 2004, p. 122).

Aliás, na contramão dos recortes que certos ramos disciplinares estabeleceram para pensar a cultura²⁷, as abordagens multidisciplinares suscitaram a inclusão de discussões sobre o poder nas análises dos fenômenos culturais, em um movimento em que o universo da cultura passa “[...] a ser percebido como uma encruzilhada de intenções diversas, como se constituísse um espaço de convergência de movimentos e ritmos diferenciados: economia, relações sociais, tecnologia etc.” (Ortiz, 2004, p. 124).

Relações tensas também perpassam as articulações buscadas entre Literatura e os Estudos Culturais, tanto por conta das disputas que envolvem relações disciplinares, na direção indicada por Ortiz (2004), quanto nas decorrentes dos redirecionamentos ocorridos nos Estudos Culturais nos cinquenta e quatro anos transcorridos a partir da sua emergência no Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), da Universidade de Birmingham, Reino Unido. Como ressaltou Eneida Leal Cunha²⁸ (2005), os Estudos Culturais suscitaram a um só tempo repulsa e adesão no âmbito dos Estudos Literários brasileiros, situação que se expressa, segundo ela, até mesmo no modo reticente como Programas de Pós-graduação dessa área geralmente aludem à inclusão desses estudos em suas linhas de pesquisa.

A repulsa, segundo Pontes Júnior (2014, p. 17), decorre do “[...] descrédito de críticos preocupados com as particularidades do literário e

a delimitação do campo do comparativismo como exclusivo da teoria (quase ciência) literária”. Já a adesão tem a ver com a flexibilidade que o campo dos Estudos Culturais propõe e com a concordância acerca de procederem-se revisões “[...] de uma teoria em crise diante da diversidade *heterodoxa*, que se instaurou ao conturbado final do século XX” (Pontes Júnior, 2014, p. 17)²⁹.

Uma visão bastante polêmica dessas relações é postulada por Maria Elisa Cevasco (2014), que aponta para o papel fundacional que a USP e alguns de seus professores – Antonio Candido (1918-2017)³⁰, considerado um dos ícones da intelectualidade brasileira, Roberto Schwarz (1938-)³¹ e Paulo Emilio Salles Gomes (1916-1977)³² – tiveram relativamente aos Estudos Culturais no Brasil. Cevasco ressalta que, apesar desses autores não se reconhecerem como ligados a esses Estudos, suas produções literárias³³ aproximam-se das análises conduzidas por Raymond Williams³⁴, autor que, segundo ela, congrega os atributos mais pertinentes à crítica cultural. Aliás, em seu ponto de vista, “[...] os estudos culturais no Brasil devem dar uma volta histórica, para uma ótica materialista” (Cevasco, 2014, p. 1), tendo em vista ter ocorrido um progressivo esvaziamento, em anos mais recentes, dos seus propósitos políticos e de crítica social. A autora critica fortemente as versões de Estudos Culturais que enfatizam a culturalização da política – os que pensam que “[...] a única política possível é a política cultural” (Cevasco, 2003a). Tal posicionamento seria revelador da mercantilização da disciplina em sua internacionalização, a partir dos Estados Unidos da América³⁵ (Cevasco, 2016, p. 210-211), sendo essa a *versão* que teria proliferado no Brasil. Mesmo que ela sublinhe que “[...] os estudos culturais não foram a única disciplina a sofrer com a banalização, uma das muitas consequências do modo de vida de nossos dias, pouco propício a aprofundar os saberes” (Cevasco, 2016, p. 206), o retrocesso por ela apontado decorreria de “[...] uma tendência forte de fazer teoria pela teoria, desvinculada da esfera histórico-social” (Cevasco, 2003a). Cabe registrar, no entanto, que as relações buscadas entre Estudos Culturais e Estudos Literários não se esgotam nas breves considerações que acima fizemos e que estão centradas em determinadas direções imprimidas a esses estudos. Ressaltamos, mais uma vez, o importante papel desempenhado por Heloisa Buarque de Hollanda, mas, também, por Beatriz Resende, ambas ligadas ao campo dos Estudos Literários, na criação do Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC), projeto de ensino e pesquisa desenvolvido junto ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ. Citamos, ainda, realizações assinaladas como decorrentes deste projeto: o Prossiga/REI de Estudos Culturais, um repositório informativo para a pesquisa em rede organizado por iniciativa do CNPq e apoiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) e um núcleo editorial que publica, atualmente, o Boletim *E-NEWS* e a *Revista Z*, sob a coordenação da professora da Faculdade de Letras da UFRJ Beatriz Resende. E indicamos que Heloisa Buarque de Hollanda³⁶ é autora/organizadora de inúmeros estudos que focalizam relações de gênero, diversidade cultural, as chamadas literatura e poesia marginais, autores/autoras e produções culturais brasileiras singulares, entre ou-

tros temas e abordagens que têm implicado na sua caracterização como uma profissional arrojada e combativa, um *verdadeiro tsunami*, que foge dos parâmetros acadêmicos. Beatriz Resende (2004) igualmente aborda em seus textos uma variedade de temas que focalizam questões relativas ao contexto cultural brasileiro. No texto intitulado *Estudos Literários, Estudos Nacionais, Estudos Culturais: reflexões em diálogo*, ela examina a proposição do campo dos *Estudos Brasileiros*³⁷ para integrar o conjunto dos novos estudos latino-americanos, colocando-os em diálogo (mas não em oposição) com os Estudos Culturais. Ao referir que aprecia nos Estudos Culturais a sua apresentação como *estudos*, Resende (2004) destaca que isso se relaciona à provisoriedade e à abertura que esses estudos oferecem para lidar com as muitas dúvidas que assolam esse conturbado início de século XXI. Quanto aos chamados Estudos Brasileiros, a autora coloca em questão o uso da designação restritiva e delimitadora de território, que lhe parece promover a afirmação de uma identidade, que pode ser tanto mitificadora, quanto excludente³⁸. Ao assinalar a existência de uma nova gama de saberes e de manifestações culturais que não são abrangidas pelos repertórios disciplinares, Resende (2004) aproxima-se das considerações tecidas por Ortiz (2004), ao referir a importância das interlocuções entre os estudos de área e os Estudos Culturais. Como a autora ressalta,

[...] é na pluralidade cultural, no reconhecimento das diversas subjetividades, nas múltiplas identidades e na certeza de que, por exemplo, existem na literatura brasileira, muitas literaturas brasileiras, no Brasil, muitos Brasis, que está a possibilidade de se reconhecer o complexo, o diferente, o outro (Resende, 2004).

Relativo às articulações conduzidas entre Antropologia e Estudos Culturais, cabe referir o trabalho conduzido por José Jorge de Carvalho³⁹ no projeto Encontro de Saberes, desenvolvido a partir da Universidade de Brasília. Como Carvalho (2010) relata, neste projeto, professores e professoras dos saberes tradicionais latino-americanos (xamãs, artesãos, arquitetos indígenas, músicos, especialistas em plantas medicinais) atuam como professores de cursos regulares na Universidade. Segundo ele,

[...] os Estudos Culturais, enquanto estudos críticos da cultura, devem prover a fundamentação teórica, metodológica e política para que as universidades latino-americanas, que foram constituídas como brancas, excludentes, racistas e dedicadas a reproduzir unicamente o saber eurocêntrico moderno, finalmente se transformem no que elas deveriam ter sido desde a sua fundação: centros multiepistêmicos de estudos, abertos a todos os saberes criados e vigentes em nosso continente – saberes ocidentais, indígenas, afro-americanos, e das comunidades tradicionais (Carvalho, 2010, p. 230).

Carvalho (2010) salienta que os Estudos Culturais têm um novo papel a desempenhar na América Latina, ao se configurarem como uma

proposta não sectária, interdisciplinar e fundamentalmente eclética, contrastante com as das disciplinas canônicas. Em texto anterior, Carvalho (2001) sintetizara a importância do encontro entre Estudos Culturais e os estudos em Antropologia ao destacar que os primeiros

[...] avançaram num campo fundamentalmente interdisciplinar (abrangendo inclusive uma parte do que há menos de trinta anos atrás era considerado de interesse exclusivo dos antropólogos) e liderados pelas propostas teóricas de Stuart Hall, propõem uma nova abordagem para uma etnografia das expressões culturais contemporâneas, re-fazendo os esquemas vigentes de interpretação de temas como identidade, relações raciais, sexualidade, pertença étnica, hibridismo cultural, etc. (Carvalho, 2001, p. 108).

Destacamos, também, estudos desenvolvidos por Neusa Maria Mendes de Gusmão⁴⁰, até porque essa autora não partilha uma visão tão otimista quanto a de Carvalho relativa ao papel que os Estudos Culturais assumiriam em seu encontro com a Antropologia. Além disso, seus estudos referem já em seus títulos a tentativa de discutir as relações procedidas ao longo do tempo entre o campo da Antropologia, os Estudos Culturais e a Educação. Ao referir que a Antropologia é uma ciência gestada na modernidade e que, portanto, construiu seu aparato teórico no passado, Gusmão salienta as muitas controvérsias decorrentes da insuficiência que passou a ser apontada relativa à utilização de certos princípios explicativos dessa ciência. Gusmão (2008) também assinala a tensão que perpassa este campo de estudos, pois

[...] ora defende-se que a trajetória da antropologia tem sido a de avaliar as diferenças sociais, étnicas e outras com a finalidade de proporcionar alternativas de intervenção sobre a realidade social de modo a não negar as diferenças; ora não seria a tradição antropológica suficiente para dar conta do contexto político das diferenças e, como tal, estaria superada em seus propósitos (Gusmão, 2008, p. 48).

E foi neste contexto que se inseriram as Ciências Humanas de modo geral, na segunda metade do século XX, quando a autora considera que passaram a ser buscadas alternativas, que se valem das correntes pós-modernas para os Estudos Culturais. Ressalvando as muitas lacunas que encontra nos Estudos Culturais, notadamente em vertentes norte-americanas, bem como a redução da Antropologia norte-americana aos *Cultural Studies*, a autora destaca, no entanto, o valor e a importância das perguntas que esses estudos, quando associados aos estudos pós-modernos, podem suscitar, mas sem negar à antropologia seus créditos.

A partir das incursões procedidas na internet, identificamos, ainda, artigos que procedem a aproximações entre os Estudos Culturais e a Economia Política, os Estudos Culturais e a Saúde, bem como entre os Estudos Culturais e o estudo de Artes. Em função das dimensões deste artigo, deixamos de abordá-los neste texto.

A Presença dos Estudos Culturais na Área da Educação

Três artigos, especificamente, apresentam uma ampla revisão sobre o impacto que os Estudos Culturais tiveram na área da Educação no Brasil: *Estudos Culturais, Educação e pedagogia* (Costa; Silveira; Sommer, 2003), *Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais em educação no Brasil* (Wortmann; Costa; Silveira, 2015) e *Contribuições dos Estudos Culturais às pesquisas sobre currículo: uma revisão* (Costa; Wortmann; Bonin, 2016). Tais artigos pontuam que os Estudos Culturais entraram no campo da Educação em meados da década de 1990, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU) da UFRGS, quando um grupo de professores (Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro, Alfredo Veiga-Neto, Marisa Vorraber Costa, Rosa Maria Hessel Silveira, Maria Lúcia Castagna Wortmann e Norma Marzola) passou a problematizar – inspirado por textos, conceitos e autores vinculados à teoria crítica, ao pós-estruturalismo e aos Estudos Culturais – alguns dos pressupostos das vertentes teóricas até então dominantes no campo da Educação no País. Esse grupo de professores, em 1996, fundou a linha de pesquisa Estudos Culturais em Educação⁴¹ – que, em 2018 conta com nove docentes cujas pesquisas abordam: os Estudos Surdos (ver os estudos de Karnopp e Thoma); os Estudos Foucaultianos (Veiga-Neto e Traversini); o currículo e as práticas pedagógicas (Veiga-Neto, Costa e Wanderer); as Políticas do Corpo e da Saúde associadas à medicalização da escola e da sociedade (Santos); os Estudos de Ciência e Tecnologia (Santos e Wortmann); as pedagogias culturais (Costa, Santos, Wortmann e Silveira); as conexões entre textos, discursos, educação, literatura infantil, a temática da diferença (Silveira e Karnopp); os processos de in/exclusão na escola contemporânea (Veiga-Neto, Traversini e Thoma) etc.

Em termos metodológicos e investigativos, de acordo com Veiga-Neto (2000), o campo se organizava, inicialmente, em torno de três focos de interesse: os estudos etnográficos (realizados tanto no âmbito das instituições escolares quanto no âmbito das cidades e de distintas instituições sociais); as análises textuais e discursivas (literatura, artefatos midiáticos, documentos governamentais, leis, etc.); e as análises das políticas de representação e identidade relacionadas à raça e etnia, gênero, sexualidade etc. Tais vertentes investigativas, ao longo dos anos, se multiplicaram – e vemos, hoje, as etnografias virtuais (desenvolvidas em jogos, aplicativos, redes sociais etc.), as análises visuais e as análises das biopolíticas que organizam o tecido social substituindo as etnografias. Além disso, destaca-se a análise das pedagogias culturais como uma tendência importante e distintiva do campo dos Estudos Culturais em Educação no Brasil. Nos primeiros estudos realizados nos Programas de Pós-graduação da UFRGS e da ULBRA, tal expressão *guarda-chuva* – pedagogias culturais – foi assumida para se referir àquelas organizações usualmente não pensadas como educativas, por serem movidas por interesse literários, religiosos, de entretenimento, comerciais etc., que operam, como argumenta Giroux (1994; 2008), na produção de identidades, bem como na produção e legitimação dos sa-

beres, mesmo que seus efeitos não sejam os mesmos para todos aqueles com os quais essas interagem. O autor conduziu estudos, nos anos 1990, sobre a Disney e as grandes empresas e corporações internacionais que regem o capital mundial e exercem uma importante ação sobre as produções culturais: essas, não apenas produzem entretenimento ou divulgam notícias desinteressadas, mas igualmente imprimem em suas produções culturais padrões de consumo moldados pela publicidade empresarial. Os estudos conduzidos por Douglas Kellner (2001; 2008) também eram invocados com frequência para subsidiar as análises dos artefatos culturais, cabendo registrar que tais estudos assumiam, fortemente, postulados das teorizações críticas.

Ao longo do tempo, outras grandes empresas passaram a ocupar espaço em nossas sociedades contemporâneas, estando entre essas, notadamente, todas aquelas que gerenciam a produção e circulação das chamadas mídias digitais (como o extinto Orkut, o Facebook, o Instagram, o YouTube, os aplicativos para celulares, entre outros). Ao mesmo tempo, outras abordagens, tais como as assumidas por Henry Jenkins (2009) e Jenkins, Green e Ford (2015), passaram a ser invocadas pelos praticantes de Estudos Culturais para registrar as intensas mudanças ocorridas na produção e no consumo das mídias. Jenkins (2009) cunhou a expressão *cultura da convergência* para se referir ao fluxo de conteúdos processados através de múltiplas plataformas de mídia, bem como a “[...] cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e o comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam” (Jenkins, 2009, p. 29). Como esse autor registra, na cultura da convergência, “[...] velhas e novas mídias colidem [...], mídia corporativa e mídia associativa se cruzam [...] e o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis” (Jenkins, 2009, p. 29). Além disso, registram-se os estudos conduzidos no cruzamento da Literatura, da Educação e dos Estudos Culturais, tais como os de Edgar Kirchoff (2013; 2016), que incorporam as abordagens de Jenkins para a realização de análises midiáticas e de uma literatura que se organiza e é colocada em circulação nas mídias digitais.

Em outra direção, localizam-se, os estudos de revisão acerca do conceito de *pedagogias culturais* (Andrade; Costa, 2015; Camozzato; Costa, 2013; Camozzato, 2012). Nesses estudos, tal como referiram Wortmann, Costa e Silveira (2015, p. 38) aponta-se para “[...] uma proliferação e pluralização das pedagogias, expressão de um refinamento das artes de governar, regular e conduzir sujeitos”. Como Camozzato e Costa (2013) ressaltaram, vivemos em um tempo em que mais e mais pedagogias são *inventadas* para tentar dar conta de inúmeras questões em um contexto em que a educação enfrenta dificuldades. Aliás, as autoras atribuem uma marca a essas múltiplas pedagogias, para buscar distingui-las, que foi enunciada na expressão *vontade de pedagogia*, discutida por Camozzato (2012) em sua tese de doutoramento.

Longe de esgotar os inúmeros trabalhos que vêm sendo realizados sob a vertente dos Estudos Culturais no momento – as produções

empreendidas nos diferentes Programas de Pós-graduação que, na forma de Linhas de Pesquisa, áreas de concentração ou, mesmo, de trabalhos mais localizados se valem da perspectiva dos Estudos Culturais como matriz de inteligibilidade para o desenvolvimento de suas análises (notadamente o PPGEDU da Ulbra e o PPGEDU da UFRGS; os grupos de pesquisa (constituídos em diversas universidades, tais como Universidade Estadual de Londrina, Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio Grande, entre outras); os Seminários Brasileiros de Estudos Culturais em Educação/Seminários Internacionais de Estudos Culturais e Educação, realizados, desde 2004, como uma parceria entre Ulbra e UFRGS; a revista *Textura*, assumida desde 2011 pelo PPGEDU da ULBRA, que a reconfigurou na direção de torná-la afeita aos Estudos Culturais e aos Estudos Literários em grande medida –, queremos registrar a materialidade e a pertinência político-acadêmica desses Estudos no âmbito brasileiro.

Apontamentos Finais

Para finalizar este texto, optou-se pela construção de alguns apontamentos político-acadêmicos relativos aos estudos aqui realizados e os Estudos Culturais latino-americanos, por exemplo, mostrando que, no Brasil: (a) diferentes áreas e temas têm se valido dos Estudos Culturais, talvez como uma forma de ampliar as próprias discussões disciplinares dos campos de saber mais tradicionais, tal como já se referiu, além da educação, sociologia, antropologia, literatura e comunicação; (b) por uma série de razões – provavelmente advindas do próprio modo como os Estudos Culturais entraram no campo da educação, bem como de seu caráter marginal frente às disciplinas tradicionais –, o necessário diálogo com outras áreas do saber, em busca de legitimidade, talvez não tenha permitido a articulação com outros cenários/instituições locais, nacionais ou latino-americanas. Se tal hipótese fosse verdadeira, ela explicaria, em parte, a invisibilidade dos Estudos Culturais brasileiros no cenário latino-americano e, igualmente, nos veículos de divulgação internacionais acerca do campo: são marginais dentro das disciplinas academicamente instituídas, com poucas articulações e pouca *força* política no sentido de sair de suas fronteiras (incluindo a fronteira linguística entre o Brasil e os demais países latino-americanos); (c) por outro lado, tal como expressou Cevalco (2003a), talvez a apropriação dos Estudos Culturais britânicos por autores norte-americanos, que, por sua vez, se adentraram no Brasil em meados dos anos 1990, provavelmente marcou – como um efeito fundador – um tipo de direcionamento de estudos que pode ter, inicialmente, se afastado da agenda de discussões latino-americanas, ao menos no que se refere a uma agenda mais politicamente engajada de questões; (d) de forma esparsa, e talvez com poucas articulações e deslocamentos teóricos de uma área para outra – a não ser, talvez, a da Educação, que se valeu da antropologia, da sociologia, da comunicação, da literatura, entre outras disciplinas, que também se aproximaram dos Estudos Culturais –, desenvolveu-se

um corpo *sui generis*/peculiar de discussões, o qual possui diferentes conexões com as questões igualmente enfrentadas pela América Latina *espanhola*⁴² (relacionadas à matriz eurocêntrica no âmbito das universidades e demais instituições políticas e sociais, às questões de desigualdades sociais, étnico/raciais e de gênero, à desvalorização das culturas locais tradicionais e urbanas em detrimento das formas transnacionais ditadas pela economia de mercado, entre outras)⁴³.

Recebido em 26 de dezembro de 2018

Aprovado em 09 de maio de 2019

Notas

- 1 Professor Emérito do departamento de *Media & Cultural Studies* da Universidade da Califórnia, Riverside, EUA, diretor do *Institute for Media and Creative Industries* na Universidade de Loughborough, Londres, Reino Unido, e presidente da *Cultural Studies Association* (2019-2021).
- 2 Outras informações sobre Ana Carolina Escosteguy estão disponíveis em <<https://bit.ly/2KyJqb3>>. Acesso em: 31 maio 2018.
- 3 Um conjunto grande de textos em português (tanto acadêmicos quanto de ampla circulação em jornais e revistas) foi produzido por ocasião da morte de Stuart Hall em fevereiro de 2014.
- 4 Disponível em: <<https://bit.ly/2X7Jxf0>>. Acesso em: 30 maio 2018.
- 5 Disponível em: <<https://bit.ly/2Gkq45t>>. Acesso em: 30 maio 2018.
- 6 George Yúdice tem um texto no presente dossiê. Outras informações sobre o autor estão disponíveis em <<https://bit.ly/2UdYc6D>>. Acesso em: 30 maio 2018.
- 7 Disponível em: <<https://bit.ly/2Xau1zb>>. Acesso em: 30 maio 2018.
- 8 Disponível em: <<https://bit.ly/2v3t5AF>>. Acesso em: 30 maio 2018.
- 9 Disponível em: <<https://bit.ly/2UR2wNp>>. Acesso em: 31 maio 2018.
- 10 Disponível em: <<https://bit.ly/2GjIHY7>>. Acesso em: 31 maio 2018.
- 11 O escritor e ativista mexicano Carlos Monsiváis morreu em 2010. Há uma página da Wikipédia escrita sobre ele <<https://bit.ly/2GlsBYf>> e uma entrevista em espanhol que pode ser vista em <<https://bit.ly/2GlsBYf>>. Acesso em: 30 maio 2018.
- 12 Disponível em: <<https://bit.ly/2Xd2OMp>>. Acesso em: 29 maio 2018.
- 13 Uma entrevista em espanhol com Rosanna Reguillo (professora da Universidad Jesuíta de Guadalajara, México) pode ser vista em <<https://bit.ly/2UhuZr>>. Acesso em: 29 maio 2018.
- 14 Uma entrevista com Beatriz Sarlo foi realizada por Blanco e Jackson (2009).
- 15 Disponível em: <<https://bit.ly/2IsHsGx>>. Acesso em: 30 maio 2018.
- 16 Disponível em: <<https://bit.ly/2VJRiaQ>>. Acesso em: 29 maio 2018.
- 17 Escosteguy comenta Dias (1994).
- 18 O comentário de Escosteguy é relativo à Cevasco (2003b).
- 19 Cabe lembrar que Jesús Martín Barbero (2010) sistematizou em texto incluído no livro intitulado *En torno a los Estudios Culturales: localidades, trayectorias*

- y *disputas*, organizado por Nelly Richards em 2010, Editorial Arcis/CLACSO, declaração que fizera ainda nos anos 1990 relativa aos estudos conduzidos na América de fala espanhola. Neste texto, Barbero cita estudos apresentados pelo cubano Fernando Ortiz (1881-1969), pelo mexicano Alfonso Reyes (1889-1959), pelo peruano José Carlos Mariátegui (1895-1930) e pelo argentino José Luis Romero (1909-1977), entre outros, para registrar que “[...] hacíamos Estudios Culturales mucho antes de que outra gente le pusiera la etiqueta” (Barbero, 2010, p. 133).
- 20 O site que apresenta este projeto destaca ter sido esse *pensado e criado como resposta à importância crescente de um campo de pesquisa emergente, os Estudos Culturais, que procura responder à necessidade de reavaliação dos referenciais teórico-metodológicos tradicionais da pesquisa sobre cultura, definindo novos objetos e campos de análise e interpretação capazes de dar conta da crescente complexidade das sociedades nacionais, bem como das formações supranacionais que marcam a lógica das relações culturais e econômicas do mundo contemporâneo*. Disponível em: <<https://bit.ly/2ZbUaQ7>>. Acesso em: 20 jun. 2018.
- 21 Todas as informações sobre a Professora Heloisa Buarque de Hollanda foram obtidas a partir de seu site pessoal: <<https://bit.ly/2ZbUaQ7>>. Acesso em: 20 jun. 2018.
- 22 Disponível em: <<https://bit.ly/2Uw2lYF>>. Acesso em: 22 jun. 2018.
- 23 Disponível em: <<https://bit.ly/2VBnkFX>>. Acesso em: 9 jul. 2018.
- 24 O texto foi traduzido por Ana Carolina Escosteguy e Francisco Rüdiger e publicado no livro *Da diáspora: identidades e mediações culturais*, organizado por Liv Sovik (2003).
- 25 Hall tensiona um determinado modelo de análise da Comunicação e de suas *mensagens* – modelo este tido como demasiado determinista. Para ele, trata-se de uma visão um tanto quanto ingênua achar que os significados e o processo comunicacional são transparentes: “[...] a mensagem é uma estrutura complexa de significados que não é tão simples como se pensa. A recepção não é algo aberto e perfeitamente transparente, que acontece na outra ponta da cadeia de comunicação” (Sovik, 2003, p. 354). Hall contesta, da mesma forma, a ideia de que os meios de comunicação *reproduzem* um universo ideológico maior (por meio do processo de codificação/decodificação). Não se trata do fato de uma ideologia dominante *pular para dentro* de um programa de TV ou de uma revista e, em seguida, *pular para fora* no processo de decodificação junto aos públicos: o referido autor rejeita a noção de que haveria um momento originário ou início do processo de codificação e decodificação – e, também, um ente ou entidade responsável pela repetição (via mídia) de algo que já existe socialmente (Hall, 2003).
- 26 Ortiz é professor titular do Departamento de Sociologia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). No texto, ele informa ter tomado consciência de que seria um praticante de Estudos Culturais em Berlim, no ano de 1995, em uma conferência organizada pelo professor de Literatura Latino-Americana na Universidade de Freiburg, Alemanha, Hermann Herlinghaus, um estudioso de uma variedade de campos, como estudos culturais e de mídia, antropologia, história da ciência, entre outros. Ele assinala que seus colegas brasileiros o veem, simplesmente, como um sociólogo ou um antropólogo, apesar de seus escritos se encaixarem mal nas fronteiras disciplinares existentes, sendo lidos e apreciados em áreas como a crítica literária, arquitetura, geografia e a comunicação.

- 27 Ortiz (2004) destacou que a tradição das Ciências Sociais, nos seus diversos ramos disciplinares, confinava a esfera da cultura a certas especificidades: a literatura focalizava-a a partir de uma discussão estética; a antropologia direcionava-se à compreensão das sociedades indígenas, do folclore e da cultura popular; e a história, à reflexão sobre as civilizações (hoje revigorada com a emergência da globalização). Assim, segundo ele, os estudos literários pouco tinham a ver com as análises sociológicas, a antropologia dificilmente dialogava com a dimensão *moderna* da chamada *cultura de massa*, e assim por diante.
- 28 *Da cultura das disciplinas*, da professora Eneida Leal Cunha (Universidade Federal da Bahia) (2005), é bastante elucidativo acerca das disputas que atravessam as relações entre os estudos sobre Literatura e os Estudos Culturais.
- 29 Pontes Júnior (2014) refere que essas polêmicas perpassaram os encontros da Associação Brasileira de Literatura Comparada (Abralic) e, notadamente, a edição de 1996, cujo tema foi expresso na pergunta: *Literatura Comparada = Estudos Culturais?*
- 30 O sociólogo Antônio Candido foi também crítico literário e professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP.
- 31 Schwarz foi professor da FFLCH da USP e da Unicamp, além de crítico literário, poeta e dramaturgo.
- 32 Salles Gomes foi professor da Universidade Estadual Paulista (Unesp), e também ensaísta e crítico de cinema.
- 33 Cevasco (2003a) cita o livro *Duas Meninas*, de Roberto Schwarz, e *Os parceiros do rio bonito*, de Antonio Cândido, como Estudos Culturais *avant la lettre*.
- 34 Williams é um dos nomes mais destacados dentre o grupo que atuou na Escola de Birmingham, Reino Unido
- 35 Cevasco (2016) cita o norte-americano Lawrence Grossberg e a britânica Angela McRobbie como representantes desta versão e salienta terem eles sido alunos do primeiro Programa de Pós-Graduação de Estudos Culturais, na Universidade de Birmingham na Inglaterra.
- 36 Hollanda coordena, atualmente, o laboratório de tecnologias sociais da Universidade das Quebradas, projeto de extensão vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
- 37 Existe uma Rede Europeia de Brazilianistas de Análise Cultural (REBRAC) que, no ano de 2015, realizou em Londres, o *II REBRAC International Conference*, tendo como tema *Os estudos culturais brasileiros, remapeados!*
- 38 Resende (2004) considera a possibilidade de tais estudos se tornarem inúteis, ilusórios ou, quem sabe, até perigosos, como qualquer outra reflexão separatista ou fundamentalista, caso não sejam pensados de forma vinculada a questões referentes à sociedade contemporânea do tempo, a partir do qual construímos nossos discursos.
- 39 Carvalho é professor do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília e pesquisador sênior do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq). Ele é também Coordenador do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia da Inclusão no Ensino Superior.
- 40 Professora do Departamento de Ciências Sociais na Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Doutorado em Ciências Sociais (Antropologia) da Unicamp.

- 41 Informações disponíveis em: <<https://bit.ly/2UG5dSX>>. Acesso em: 18 jun. 2018.
- 42 Enfatizamos o *espanhola* na direção de marcamos que uma das explicações possíveis para a falta de integração entre os estudos desenvolvidos no Brasil e nos demais países da América Latina tem sido a barreira linguística.
- 43 Este artigo integra a Seção Temática, *Estudos Culturais*, organizada por Maria Lúcia Castagna Wortmann (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), Luís Henrique Sacchi dos Santos (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), Iara Tatiana Bonin (Universidade Luterana do Brasil) e Daniela Ripoll (Universidade Luterana do Brasil).

Referências

- ANDRADE, Paula Deporte; COSTA, Marisa Vorraber. Na Produtiva Confluência entre Educação e Comunicação, as Pedagogias Culturais Contemporâneas. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 3, n. 1, p. 843-860, 2015.
- BARBERO, Jesús Martín. Notas para hacer Memoria de la Investigación Cultural en Latinoamérica. In: RICHARD, Nelly (Ed.). **En torno a los Estudios Culturales**: localidades, trayectorias y disputas. Santiago; Buenos Aires: Arcis; Clacso, 2010. P. 133-141.
- BLANCO, Alejandro; JACKSON, Luiz Carlos. Entrevista com Beatriz Sarlo. **Tempo Social**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 133-150, 2009.
- CAMOZZATO, Viviane Castro. **Da Pedagogia às Pedagogias**: formas, ênfases, transformações. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- CAMOZZATO, Viviane Castro; COSTA, Marisa Vorraber. Da Pedagogia como Arte às Artes da Pedagogia. **Pro-posições**, Campinas, v. 24, n. 3, p. 161-182, set./dez. 2013.
- CARVALHO, José Jorge. Los Estudios Culturales en América Latina: interculturalidad, acciones afirmativas y encuentro de saberes. **Tabula Rasa**, Bogotá, n. 12, p. 229-251, ene./jun. 2010.
- CARVALHO, José Jorge. O Olhar Etnográfico e a Voz Subalterna. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 7, n. 15, p. 107-147, jul. 2001. Disponível em: <<https://bit.ly/2v397G8>>. Acesso em: 15 abr. 2019.
- CEVASCO, Maria Elisa. Estudos Culturais à Brasileira. (Entrevista concedida a Maurício Santana Dias). **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 25 maio 2003a. Disponível em: <<https://bit.ly/2PazTFK>>. Acesso em: 15 abr. 2019.
- CEVASCO, Maria Elisa. **Dez Lições sobre Estudos Culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003b.
- CEVASCO, Maria Elisa. Lição 10: estudos culturais no Brasil. **Alter/nativas**, Columbus, v. 3, 2014. Disponível em: <<https://alternativas.osu.edu/en/issues/autumn-2014/essays2/cevasco.html>>. Acesso em: 25 jun. 2018.
- CEVASCO, Maria Elisa. Estudos Culturais: fim de linha ou aposta na relevância? In: LISBOA FILHO, Flavi Ferreira; BAPTISTA, Maria Manuel (Org.). **Estudos Culturais e Interfaces**: objetos, metodologias e desenhos de investigação. Aveiro; Santa Maria: Universidade de Aveiro; Universidade Federal de Santa Maria, 2016. P. 206-218. Disponível em: <<https://bit.ly/2IuaYM6>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

CONSTANTE, Robson da Silva; SCHMIDT, Saraí Patrícia. Funk Ostentação: do incentivo ao consumo de marcas de luxo às falsas promessas de inclusão e status social. **Conhecimento Online**, Novo Hamburgo, v. 9, n. 2, p. 26-36, jul./dez. 2017.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos Culturais, Educação e Pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 36-61, maio/ago. 2003. Disponível em: <<https://bit.ly/2NFR3IR>>. Acesso em: 2 jun. 2018.

COSTA, Marisa Vorraber; WORTMANN, Maria Lúcia; BONIN, Iara Tatiana. Contribuições dos Estudos Culturais às Pesquisas sobre Currículo: uma revisão. **Currículo sem Fronteiras**, Braga, v. 16, n. 3, p. 509-541, set./dez. 2016.

CUNHA, Eneida Leal. Da Cultura das Disciplinas. **Cerrados**, Brasília, v. 14, n. 19, p. 79-86, 2005. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/1119>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

DIAS, Fernando Correia. Estudos Culturais no Brasil: a tradição sociológica. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 8, n. 1/2, p. 9-28, 1994.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Uma Introdução aos Estudos Culturais. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 5, n. 9, p. 87-97, dez. 1998.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografia dos Estudos Culturais**: uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Delineamentos para uma Cartografia Brasileira dos Estudos Culturais. **ECO-Pós**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 19-30, ago./dez. 2004. Disponível em: <<http://bit.ly/2Ku3hIt>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

FIORAVANTE, Tiago; SCHMIDT, Saraí. Sobre Ciborgues e Monstros ou como a Mídia Representa a Infância Queer. **Revista Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 9, p. 268-287, maio/out. 2018.

FREIRE FILHO, João. **Reinvenções da Resistência Juvenil**: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

FREIRE FILHO, João. Os Estudos Culturais e os Deslocamentos do Domínio Estético. **ECO-Pós**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 143-164, set./dez. 2009. Disponível em: <<https://bit.ly/2KwQMfe>>. Acesso em: 9 jun. 2018.

FREIRE FILHO, João (Org.). **Ser Feliz Hoje**: reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

FREIRE FILHO, João. A Comunicação Passional dos Fãs: expressões de amor e de ódio nas redes sociais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 36., 2013, Manaus. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2013. P. 1-20. Disponível em: <<https://bit.ly/1O2gVMs>>. Acesso em: 9 jun. 2018.

FREIRE FILHO, João. Correntes da Felicidade: emoções, gênero e poder. **MA-TRIZes**, v. 11, n. 1, p. 61-81, jan./abr. 2017.

GIROUX, Henry. Doing Cultural Studies: youth and the challenge of pedagogy. **Harvard Educational Review**, Cambridge, v. 64, n. 3, p. 278-309, Sept. 1994.

GIROUX, Henry. Memória e Pedagogia no Maravilhoso Mundo da Disney. In: SILVA, Tomas da (Org.). **Alienígenas na Sala de Aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. P. 129-153.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Antropologia, Estudos Culturais e Educação: desafios da modernidade. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 3, p. 47-82, set./dez. 2008.

- HALL, Stuart. Reflexões sobre o Modelo de Codificação/Decodificação: uma entrevista com Stuart Hall. In: SOVIK, Liv (Org.). **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**: Stuart Hall. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 2003. P. 353-386.
- HENRIQUES, Mariana Nogueira; LISBOA FILHO, Flavi Ferreira. Identidade e Gênero: representações femininas nos programas televisivos Bah! **Cadernos de Gênero e Diversidade**, Salvador, v. 3, n. 3, p. 58-71, set. 2017a.
- HENRIQUES, Mariana Nogueira; LISBOA FILHO, Flavi Ferreira. Mulheres nos Especiais Bah!: identidade gaúcha e representação feminina. **Intexto**, Porto Alegre, n. 39, p. 80-102, maio/ago. 2017b.
- HORLLE, Analu; SCHMIDT, Saraí Patricia. Criança, Identidade e Consumo: um estudo sobre as lições da publicidade infantil. **Rizoma**, Santa Cruz do Sul, v. 5, n. 1, p. 165-177, 2017.
- JACKS, Nilda; ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Comunicação e Recepção**. São Paulo: Hacker, 2005.
- JACKS, Nilda; PIEDRAS, Elisa; PIENIZ, Mônica; JOHN, Valquiria. **Meios e Audiências III: reconfigurações dos estudos de recepção e consumo midiático no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2017.
- JACKS, Nilda; WOTTRICH, Laura Hastenpflug. O Legado de Stuart Hall para os Estudos de Recepção no Brasil. **Matrizes**, São Paulo, v. 10, n. 3, p. 159-172, set./dez. 2016.
- JENKINS, Henry. **Convergence culture: where old and new media collide**. New York and London: New York University Press, 2006.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.
- JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. **Cultura da Conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. São Paulo: Aleph, 2015.
- KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: Edusc, 2001.
- KELLNER, Douglas. Lendo Imagens Criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na Sala de Aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. P. 101-127.
- KIRCHOFF, Edgar Roberto. Ensino de Literatura na Era da Cultura Digital: obras digitalizadas e digitais. In: SANTOS, Alckmar Luiz dos; SANTA, Everton Viniçius de (Org.). **Literatura, Arte e Tecnologia**. Tubarão: Copiart, 2013. P. 11-26.
- KIRCHOFF, Edgar Roberto. Como Ler os Textos Literários na Era da Cultura Digital? **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 47, p. 203-228, jan./jun. 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2VKWR8R>>. Acesso em: 15 abr. 2019.
- LISBOA FILHO, Flavi Ferreira; BAPTISTA, Maria Manuel (Org.). **Estudos Culturais e Interfaces: objetos, metodologias e desenhos de investigação**. Aveiro; Santa Maria: Universidade de Aveiro; Universidade Federal de Santa Maria, 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2luaYM6>>. Acesso em: 25 jun. 2018.
- LISBOA FILHO, Flavi Ferreira; POZZA, Débora Flores Dalla. A Divisa como Conexão: representações da fronteira em documentário. **Brasiliana**, Asrhus, v. 6, n. 1, p. 44-63, 2017.
- MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda (Org.). **Mediação & Miatização**. Salvador; Belo Horizonte: Edufba; Compós, 2012.

MENTZ, Marina; SCHMIDT, Saraí Patrícia. Um Novo Sentido: a releitura artística de crave como nova possibilidade entre enunciadores e interpretantes. **Práxis**, Novo Hamburgo, v. 15, n. 1, p. 153-178, jan./jun. 2018.

ORTIZ, Renato. Estudos Culturais. **Tempo Social**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 119-127, jun. 2004.

PILGER, Caroline Roveda; SCHMIDT, Saraí Patrícia. Eternizando Momentos: a criança protagonista e a conexão da experiência na publicidade de tecnologia. **Textura**, Canoas, v. 18, n. 37, p. 49-68, maio/ago. 2016.

PILGER, Caroline Roveda; SCHMIDT, Saraí Patrícia. A Emoção não pode Esperar: uma Análise da Relação Tecnologia, Relacionamento Humano e Criança nos Filmes Publicitários da Claro. **Conexão**, Caxias do Sul, v. 16, n. 31, p. 179-199, jan./jun. 2017.

PONTES JÚNIOR, Geraldo Ramos. Os Estudos Culturais e a Crítica Literária no Brasil. **Estudos da Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 44, p. 17-36, jul./dez. 2014. Disponível em: <<https://bit.ly/2KFqJme>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

RESENDE, Beatriz. Estudos Literários, Estudos Nacionais, Estudos Culturais: reflexões em diálogo. **Semear**, Rio de Janeiro, v. 10, 2004. Disponível em: <<https://bit.ly/2IiYojq>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

SANCHES, Tatiana Amêndola (Org.). **Estudos Culturais: uma abordagem prática**. São Paulo: Editora Senac, 2011.

SOVIK, Liv (Org.). **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**: Stuart Hall. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

SOVIK, Liv. **Aqui Ninguém é Branco**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

VEIGA-NETO, Alfredo José da. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...** Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2000. P. 37-69.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Sobre a Emergência e a Expansão dos Estudos Culturais em Educação no Brasil. **Educação**, Porto Alegre v. 38, n. 1, p. 32-48, jan./abr. 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/2Dbr6Pk>>. Acesso em: 31 maio 2018.

Maria Lúcia Castagna Wortmann é mestre em Educação e doutora em Ciências Humanas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tendo realizado doutorado sanduíche na Université Paris VI (Pierre et Marie Curie), Paris, França. É professora convidada do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professora adjunta no Programa de Pós-Graduação da Universidade Luterana do Brasil. Atua no campo dos Estudos Culturais em Educação e dos Estudos Culturais da Ciência.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-6029-3656>

E-mail: wortmann@terra.com.br

Luís Henrique Sacchi dos Santos é professor associado no Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Tem experiência com estudos culturais em educação; estu-

dos de corpo; corpo e saúde; cultura somática; ensino de ciências e biologia, educação em saúde (promoção da saúde); ética em pesquisa; medicalização; biossociabilidade; biologia cidadã e biopedagogias.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5636-3917>

E-mail: luishss2009@gmail.com

Daniela Ripoll é graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1998), mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2001) e doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2005). É professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em estudos culturais em educação, atuando principalmente com educação; estudos culturais; educação em ciências e biologia.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7247-2600>

E-mail: daniela_ripoll@terra.com.br

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos de uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. Disponível em: <<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>>.